

VITRAL CULTURAL

a newsletter do CCJF

Chegou a 26ª edição da *Vitral Cultural*, a newsletter mensal do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF). Por aqui, você encontra matérias sobre as principais atrações e iniciativas do CCJF, além de notas e bons artigos sobre arte e cultura. Esperamos que cada pedacinho desse vitral, produzido com cuidado e apreço, te traga bons momentos de leitura. Mais uma vez, aqui vai aquele pedido especial: se gostou do conteúdo, repasse aos(às) amigos(as)! Vamos aproveitar o poder de disseminação da Internet para ampliar o acesso da população à cultura. Assim, todos(as) ganham. Gratidão ✨



Na Sala de Sessões, CCJF e Biblioteca Nacional firmam parceria para o fomento à cultura e ao conhecimento

No dia 17 de junho, na Sala de Sessões, o Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) e a Fundação Biblioteca Nacional (FBN) celebraram a assinatura do Protocolo de Intenções que incentiva o fortalecimento de ações culturais, educativas e de preservação da memória e do conhecimento do país. A parceria oficializa o esforço de ambas as instituições para o desenvolvimento de atividades conjuntas de interesse mútuo, promovendo intercâmbio de informações, experiências, publicações, além da possibilidade de realização de eventos, visitas, trabalhos de pesquisas em acervos bibliográficos e documentais e troca de conhecimentos técnicos. A cerimônia, acompanhada pela equipe do CCJF e da FBN, também contou com outro momento emblemático: a entrega da *Medalha e do*

Cinelândia - Cinema na Rua: homenagem a Baby Consuelo



Em julho, o *Cinelândia - Cinema na Rua* homenageia a irreverente cantora Baby Consuelo. O projeto exibe no dia 28, terça-feira, às 18h30, na Rua Pedro Lessa, o filme *Apopcalipse segundo Baby*.

O longa-metragem mostra a trajetória de Baby do Brasil, uma viagem em primeira pessoa. A partir da sua pluralidade transgressor, revisita-se esse caminho, da liberdade dos *Novos Baianos* ao brilho da carreira solo, do espírito *hippie* ao *pop* multicolorido, de Janis Joplin a Ademilde Fonseca. Entre os destaques, ainda há a revelação da versatilidade rítmica e musical e a ousadia de um ícone da contracultura.

Certificado de Mérito Cultural a Marco Aurélio Lucchesi, presidente da Biblioteca Nacional.

Para o Dr. Theophilo Miguel Filho, diretor-geral do CCJF, no jubileu de prata do Centro Cultural, é uma honra e grata oportunidade firmar a parceria entre as duas casas, “vizinhas lindeiras”, que compõem ricamente o quadrilátero cultural, na Cinelândia, junto de outras instituições como Theatro Municipal, Palácio Pedro Ernesto e Museu Nacional de Belas Artes. Ao falar sobre a região central da cidade, ele lembrou também do Palácio Monroe, que abrigou o Senado Federal entre 1925 e 1960 e que acabou sendo demolido em 1976 pelo Governo Militar, com o argumento da modernização urbana. “Sentimos muitas saudades do Palácio Monroe. Indubitavelmente, os saudosos historiadores certamente estariam muito felizes se hoje pudessem estabelecer um circuito cultural onde os moradores e turistas tivessem a honrosa oportunidade de fazer visitas a Biblioteca Nacional, ao Centro Cultural Justiça Federal, a Câmara de Vereadores e ao Palácio Monroe...poderiam passar nessa praça, nesse quadrilátero, uma semana, um mês, bebendo de uma inesgotável fonte de cultura”, ressaltou.

Sobre a assinatura do acordo de cooperação, Marco Lucchesi destacou que CCJF tem todos os instrumentos, estrutura e transparência necessários para a promoção à cultura, porém também há espaço para o ensaio de “outras perspectivas que não fiquem enrijecidas em armaduras que, às vezes, não dão conta de alguns processos. “Então, nós assinamos hoje o instrumento de nossa amizade que é um poder simbólico muito importante e fica para além da nossa presença, Theophilo Antonio Miguel Filho e Marco Lucchesi, isso fica numa perspectiva para depois”, afirmou.

Ao homenagear Marco Lucchesi, imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL), Dr. Theophilo agradeceu a presença ilustre do presidente da FBN e contou, brevemente, um pouco da história da medalha comemorativa dos 25 anos do CCJF, produzida pela Casa da Moeda do Brasil (CMB). “Nós fomos agraciados pela Casa da Moeda com a cunhagem de uma medalha a qual atribuímos um número limitadíssimo, inclusive o molde que foi utilizado para ela foi danificado, intencionalmente, em uma cerimônia com a presença do presidente da Casa da Moeda. E, dentro desse reduzido número de medalhas que são numeradas, o Centro Cultural Justiça Federal tem a satisfação de outorgar a Vossa Senhoria a medalha comemorativa em agradecimento e reconhecimento a tudo aquilo que o Senhor representa não apenas para a Biblioteca Nacional, mas também para o Centro Cultural”, disse o diretor-geral do CCJF. Ao agradecer o gesto, Marco Lucchesi se disse muito feliz em receber a honraria máxima do Centro Cultural, ressaltando a importância do diálogo entre instituições para a reconquista da cultura carioca. “Fico muito feliz pela homenagem, sobretudo porque sinto que entre nós surgiu, de fato, uma recíproca simpatia voltada para aquilo que nos resta fazer nesta cidade, ‘uma cidade partida’, segundo nosso queridíssimo Zuenir Ventura, e a forma na qual essa cidade pode ser reconstituída é a partir do diálogo, das mais variadas formas”, pontuou, entusiasmado e agradecido.

Prestigiaram o evento, além do presidente da FBN, parte da equipe da instituição: Verônica Lessa, coordenadora geral de Cooperação e Difusão, Camilla Ramos, coordenadora de Cooperação Institucional e Beto Teixeira, técnico de Audiovisual. Mais uma parceria que certamente trará bons frutos à Cinelândia.

Após a exibição, o diretor Rafael Saar e a fotógrafa Thais Grechi estarão presentes para uma roda de conversa sobre o filme.

É só chegar, vem conferir!

O evento será adiado em caso de chuva.

.....

Visitas mediadas a exposição *Coleção Ingá: Brasil Plural*, incluindo a acessível



A exposição *Coleção Ingá: Brasil plural*, que fica no CCJF até 27 de setembro, foi concebida para ampliar o acesso à cultura e proporcionar uma experiência acolhedora para todos os públicos.

Como parte da parceria entre o Centro Cultural Justiça Federal e a FUNARJ, além das visitas mediadas tradicionais — que podem ser agendadas [aqui](#) — são oferecidas visitas mediadas acessíveis, desenvolvidas para garantir uma experiência cultural mais inclusiva às pessoas com deficiência, especialmente ao público surdo, por meio de mediação em Libras e estratégias de comunicação acessível.

Durante a visita, os participantes são convidados a explorar os conteúdos da exposição de forma interativa, em um ambiente que valoriza o diálogo, a troca de experiências e o



Visita: *Entre leis e lendas* revela os mistérios do CCJF

A antiga sede do Supremo Tribunal Federal (STF) carrega muita história consigo. Hoje, além de preservar esse legado, o edifício abriga memórias que ultrapassam os registros oficiais. Corredores silenciosos e salões imponentes inspiram narrativas que atravessam gerações e despertam a curiosidade de quem passa por eles.

Foi desse encontro entre história e imaginação que nasceu a visita *Entre Leis e Lendas: Os Mistérios do Palácio*, promovida pelo Setor Educativo do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF). A experiência conduziu os visitantes por diferentes ambientes do edifício, como o hall de entrada, o teatro, o cinema, a biblioteca, as salas de exposição e a emblemática Sala de Sessões, transformando cada espaço em cenário para narrativas repletas de suspense e mistério.

Mais do que apresentar curiosidades e as belezas do Centro Cultural, a visita propôs um novo olhar sobre o patrimônio histórico do CCJF. Enquanto percorriam os ambientes, o público ia sendo convidado a viajar na imaginação sobre as histórias inusitadas que são desconhecidas pela maioria dos visitantes.

O roteiro foi construído a partir de relatos compartilhados por funcionários e servidores do CCJF, reunindo lendas e acontecimentos curiosos que passaram a fazer parte da história do palácio. Durante o percurso, os visitantes conheceram personagens e contos que dão vida aos diferentes espaços do edifício, como a lenda de Toquinho, a criança que, segundo os relatos, habita o teatro e costuma brincar pelo espaço, além de mistérios envolvendo antigos funcionários, visitantes inesperados e outros episódios que desafiam explicações. Apresentadas de forma teatralizada, essas histórias convidaram os visitantes a enxergar cada ambiente do edifício sob uma nova perspectiva, em que fatos históricos e imaginação se entrelaçam para dar vida aos mistérios do palácio.

direito de todos ao patrimônio cultural.

As visitas acessíveis, no âmbito do *Programa Arte e Cultura Para Todos*, da FUNARJ, podem ser agendadas por escolas, instituições, associações, universidades e demais grupos interessados, fortalecendo o compromisso das instituições com a democratização do acesso à cultura e a construção de espaços cada vez mais inclusivos. Interessados, [clique aqui](#).

Agende sua visita e venha conhecer a mostra de uma forma mais rica!

Em evento na Sala de Sessões, Marinha Mercante concede honraria ao diretor-geral do CCJF, Theophilo Miguel Filho



No dia 25 de junho, o Instituto Cultural Marinha Mercante (IC) realizou na Sala de Sessões do CCJF o evento *Dia Internacional do Marítimo*, que concedeu com *Medalha de Honra ao Mérito Petróleo, Gás e Transição Energética* personalidades que atuam ativamente em prol do desenvolvimento do serviço da Marinha do Brasil.

Entre os homenageados, o diretor-geral do CCJF, desembargador federal Theophilo Antonio Miguel Filho, que além de receber a medalha abriu a cerimônia. Para ele, esses homens e mulheres —

Para Wanderley Lemgruber, responsável pelo Setor Educativo do CCJF, as edições da visita foram um sucesso e despertaram um olhar fascinante dos visitantes. “Nas duas edições realizadas, a procura do público foi surpreendente. Os visitantes se mostraram fascinados tanto pela história oficial do palácio quanto pelos mistérios que habitam seus bastidores.” Além disso, Wanderley destacou que os pontos mais elogiados foram o resgate de histórias pouco conhecidas pelo público e, acima de tudo, a valorização dos próprios trabalhadores do CCJF, cujas contribuições foram a verdadeira alma do evento.

Ao final do percurso, o público participou de uma conversa com a equipe do Setor Educativo para compartilhar impressões sobre a experiência e conhecer ainda mais as histórias e curiosidades que cercam um dos edifícios mais simbólicos da história da Justiça brasileira. E fica a torcida para que aconteçam mais edições de *Entre Leis e Lendas* no CCJF.



Cinelândia - Cinema na Rua leva cinema, dança e diversidade à Rua Pedro Lessa

Durante o mês de junho, o Centro Cultural Justiça Federal (CCJF), em parceria com a Banca do André e a Associação dos Servidores Públicos da ANCINE (ASPAC), promoveu duas sessões especiais do *Cinelândia - Cinema na Rua*, que reuniram cinema e arte na Rua Pedro Lessa.

No dia 9 de junho, como parte da programação do *III Festival Identidade em Cena*, foi exibido o documentário *Divinas Divas*, dirigido por Leandra Leal. O filme resgata a trajetória de artistas que marcaram a cena cultural brasileira e desafiaram os padrões de sua época, emocionando o público com histórias de resistência, identidade e liberdade.

Após a exibição, a *drag queen* Willa Queer apresentou uma performance que foi recebida com entusiasmo pelo público, celebrando a diversidade e a potência da arte como forma de expressão. Encerrando a noite, Willa Queer participou de um bate-papo conduzido pelo pesquisador Celso André, que

comandantes, oficiais, marinheiros, maquinistas, cozinheiros de bordo, entre outros – constituem uma classe de heróis cotidianos despidos de medalhas, mas não menos merecedores de reverência. “Que essa data instituída pela Organização Marítima Internacional não se converta em lembrança fugaz, mas em compromisso permanente de melhores condições de trabalho, de segurança redobrada, de valorização salarial e respeito a saúde física e mental de quem passa meses a fio distante, compromisso, sobretudo, de gratidão renovada, cada vez que acendermos a luz, vestirmos uma roupa ou levarmos à mesa o pão de cada dia. Pequenos milagres cotidianos, que têm sua origem invisível ao atravessar oceanos nos braços de um marítimo”, frisou na ocasião.

Ao conceder a homenagem ao diretor-geral do CCJF, o IC, na pessoa da comandante Andrea de Fátima Barcala, presidente do Instituto, destacou a importância do Centro Cultural como um dos mais importantes espaços culturais do país e o excelente trabalho da atual gestão, reconhecendo o compromisso da instituição com a preservação da memória, valorização da cultura e o reconhecimento daqueles que contribuem para o desenvolvimento do Brasil.



**A história do CCJF:
agende sua visita!**

aprofundou temas abordados no documentário e promoveu uma rica troca de reflexões com os presentes.



Willa Queer e Celso André conversam com o público sobre a história e papel das drag queens de ontem e de hoje

Já no dia 23 de junho, foi a vez da exibição do filme *Meu Sangue Ferve por Você*, que conta a história de amor entre Sidney Magal e Magali, embalada pelos grandes sucessos do cantor, um dos principais artistas brasileiros que completou 76 anos poucos dias antes da exibição. Em um depoimento gravado especialmente para o público presente no evento, Sidney Magal compartilhou a alegria de ter seu filme exibido e comentou sobre a importância do projeto. “Levar o cinema para espaços públicos, aproximar as pessoas da cultura e transformar uma praça em um grande encontro de emoção é algo que merece ser celebrado. Fico muito feliz por ter o meu filme *Meu Sangue Ferve por Você* exibido nessa sessão tão especial”, declarou o cantor.

Antes mesmo do início da sessão, o público foi surpreendido por uma apresentação de dança flamenca do Grupo Gesto, realizada no hall de entrada do CCJF. Em seguida, os bailarinos se apresentaram em frente ao CCJF e depois conduziram os espectadores até a Rua Pedro Lessa, tornando o trajeto até o cinema ao ar livre parte da experiência. Ao final da sessão, a dança voltou a tomar conta do espaço. O *Grupo Gesto* realizou uma nova apresentação e convidou o público a participar, encerrando a noite em clima de celebração, com muita animação, música e interação.

A diretora de dança flamenca, Eliane Carvalho, contou sua experiência ao participar do evento. “Foi uma grande alegria participar do *Cinelândia - Cinema na Rua*. Foi uma noite verdadeiramente mágica, marcada por uma conexão muito especial com o público em todos os momentos da apresentação. Em cada espaço sentimos a plateia muito próxima, participativa e generosa. Ver pessoas de diferentes idades se aproximando, sorrindo, aplaudindo e compartilhando aquele momento nos mostrou o quanto a dança tem o poder de criar encontros, despertar memórias e aproximar as pessoas”, compartilhou Eliane.



O programa conta a história do prédio, de sua construção até os dias atuais. Projetado pelo arquiteto Adolpho Morales de Los Rios para ser originalmente o Palácio Arquiepiscopal, o edifício - exemplar da arquitetura eclética - abrigou o Supremo Tribunal Federal de 1909 a 1960.

Atualmente, é um dos poucos remanescentes da reformulação da cidade do Rio de Janeiro ocorrida no início do século XX.

A visita propõe, ainda, uma reflexão sobre preservação do patrimônio histórico, cultura, justiça e sociedade.

O serviço de visita orientada é gratuito e o agendamento pode ser feito da seguinte maneira:
para até 10 pessoas [clique aqui](#)

Já para grupos de até 40 pessoas pelo e-mail: visitas.ccjf@trf2.jus.br

Refúgio para a mente, olhos e ouvidos no coração do Centro do Rio

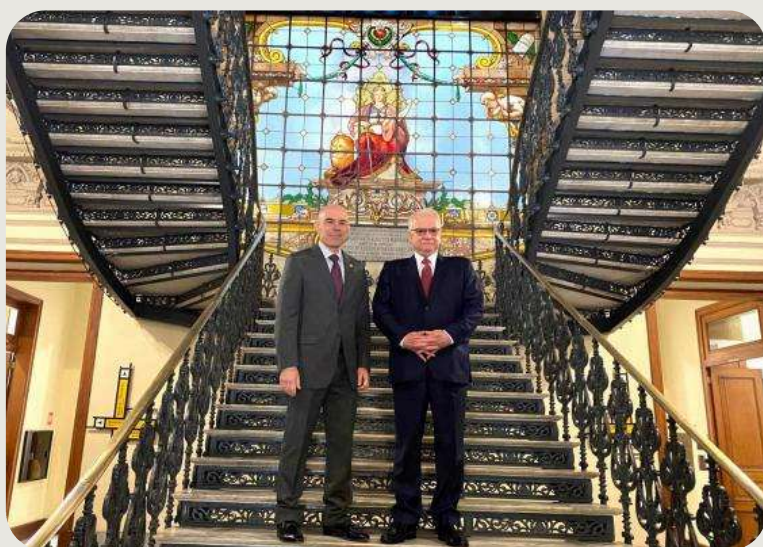


Venha conhecer a biblioteca do CCJF, localizada no 2º andar do nosso prédio. Lá, você encontra um acervo

Mais do que exibições de filmes, as sessões de junho do *Cinelândia - Cinema na Rua* proporcionaram experiências que integraram diferentes linguagens artísticas e aproximaram o público da cultura em um espaço aberto e democrático.



Grupo Gesto dança Sandra Rosa Madalena, em homenagem a Sidney Magal, em frente ao CCJF pouco antes da exibição do filme



Em visita especial ao CCJF, presidente do STF Luiz Edson Fachin, é homenageado com Medalha e Certificado de Mérito Cultural

O Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) realizou, na tarde do dia 19 de junho, a cerimônia de entrega da *Medalha e do Certificado de Mérito Cultural* ao presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), ministro Luiz Edson Fachin. A homenagem integra as celebrações do jubileu de prata do CCJF e reconhece a contribuição do ministro à Justiça brasileira e ao fortalecimento das instituições democráticas.

A solenidade, que aconteceu na Sala de Sessões após a visita do ministro aos espaços do CCJF — entre eles o Teatro e a Biblioteca —, foi conduzida pelo diretor-geral do CCJF, desembargador federal Theophilo Antonio Miguel Filho, e contou com apresentação especial da cantora lírica Ane Janin.

especializado em Arte e Cultura, ambiente confortável para ler e estudar.

Não é necessário se cadastrar nem agendar horário para frequentar nossa biblioteca.

A biblioteca está aberta ao público de **terça a sexta**, das 12h às 17h, exceto no recesso judiciário e feriados.

Programação do CCJF no WhatsApp



Fique atento(a) à nossa programação. Entre no grupo do WhatsApp especialmente feito para a divulgação dos próximos eventos. É só apontar a câmera do celular para o QR code abaixo:



Você também pode acessar o site do CCJF e conferir nossa programação completa e atualizada. [Clique aqui!](#)

Em seu pronunciamento, o Dr. Theophilo Miguel destacou a trajetória histórica do edifício que abriga o CCJF, antiga sede do STF entre 1909 e 1960, quando da transferência da Capital Federal para Brasília. Ao celebrar os 25 anos da Casa, ele ressaltou a permanência do espaço como lugar de diálogo entre Direito, cultura e sociedade. “O Centro Cultural Justiça Federal permanece como guardião da história e farol de cultura, lembrando-nos de que o passado, quando preservado com respeito, ilumina o caminho das gerações futuras”, afirmou.

Ao receber a homenagem, o ministro Fachin destacou a importância histórica e simbólica do edifício que abrigou o STF durante mais de cinco décadas e elogiou o trabalho de preservação realizado pelo Centro Cultural. “Quero enaltecer o lugar onde nós nos encontramos, a Sala das Deliberações e, não por acaso, a Têmis, sem a venda nos olhos. É para isso mesmo que a Justiça distribui a prestação judicial, olhando para os fatos com olhos de ver e distribuindo a verdadeira Justiça”, frisou.

O ministro também pontuou sobre o significado da Sala de Sessões, palco de importantes momentos da história do Judiciário brasileiro, e destacou a aproximação entre arte e Direito, promovida pelo CCJF. Segundo Fachin, a cultura constitui um elemento fundamental do desenvolvimento civilizatório e deve caminhar ao lado da Justiça.

A apresentação da cantora lírica Ane Janin também marcou a cerimônia. Fachin agradeceu a intérprete pela execução de *O mio babbino caro*, e, em seguida, após Anne apresentar as *Bachianas Brasileiras nº 5*, ressaltou a riqueza da produção musical brasileira e a importância de valorizar o patrimônio cultural nacional.

Grato pela homenagem, o ministro manifestou ainda o desejo de retornar ao CCJF em futuras oportunidades. Mais uma vez, a entrega da *Medalha e do Certificado de Mérito Cultural* reafirma o compromisso do CCJF com a valorização da cultura, da memória institucional e do diálogo permanente entre Justiça e sociedade.



Curiosidades do CCJF: você sabia?



Você sabia que a arquitetura da sala de sessões do CCJF foi pensada para melhorar a propagação da voz?

O pé-direito alto da Sala de Sessões do CCJF não foi pensado apenas para favorecer a ventilação em uma época em que ainda não existia ar-condicionado, de 1905 a 1909, período em que o edifício histórico foi construído.

Ele também ajudava na acústica do ambiente, ampliando a propagação da voz em um período em que os microfones ainda não faziam parte desse tipo de espaço.

Devido a essa arquitetura, entre outros fatores, a Sala de Sessões possui uma acústica excelente, muito elogiada por musicistas e demais artistas que se apresentam no local. O som se propaga de forma homogênea e clara em todos os cantos do espaços, propiciando um ambiente sonoro a altura da imponência da sala que um dia foi testemunha de importantes julgamentos e hoje respira cultura e arte.

***PÉDEPOESIA* reúne literatura, arte e consciência ambiental em mostra no CCJF**

No dia 12 de junho, o Teatro do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** recebeu o *PÉDEPOESIA*, uma mostra de poesias que reúne alunos do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior, além de professores, escritores e amantes da poesia e da natureza. Desde sua criação, a iniciativa desenvolve ações que incentivam a leitura, a escrita e a consciência ambiental, aproximando diferentes gerações por meio da arte.

Conduzida pela idealizadora e coordenadora do projeto, Rose Lima, o projeto, criado em 2022, une poesia, educação e preservação ambiental. No CCJF, o evento contou com a participação de 32 poetas, entre eles crianças, estudantes, professores e escritores, que compartilharam textos inspirados na natureza e na importância do cuidado com o planeta. No palco do teatro, poesia, educação e cultura se encontraram em um espaço de escuta, sensibilidade e valorização da palavra. As apresentações reforçaram a importância de iniciativas que unem arte e cidadania em uma tarde de leitura, performance e troca de experiências.

Rose Lima contou que o encontro emocionou os presentes e cumpriu seu papel. “Não foi apenas um encontro de poesia. Foi respiração! Entre a emoção dos poemas e a consciência do cuidado com o meio ambiente, uma grande energia foi compartilhada”, disse. Para ela, a poesia não ficou apenas no palco, caminhou pela plateia, espalhou sementes de amor, aproximou corações e floresceu sentimentos, atenção, escuta e preservação. “Cada verso lançado ao ar encontrou morada naquele lugar histórico e também se abrigou no peito dos presentes”, ressaltou a coordenadora.

Ao longo de sua trajetória, *PÉDEPOESIA* realizou atividades em espaços públicos do Rio de Janeiro, incluindo a publicação de um livro coletivo lançado na Bienal Internacional do Livro do Rio, em 2023, e, em 2025, o lançamento de duas revistas literárias digitais com produções de alunos, professores e escritores de diferentes regiões do país. Mais poesia e amor, por favor.





Festival Roberto Athayde: com a presença do autor, lenda viva do teatro brasileiro, leituras dramatizadas dialogam com a história do país e das artes cênicas

Em junho, as terças-feiras à tarde do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) contaram com uma programação especial. Nos dias 3, 10, 17, 23, aconteceu o segundo módulo do *Festival Roberto Athayde* – o primeiro foi realizado entre novembro de 2025 e janeiro de 2026. O palco do CCJF foi ocupado por alunos de escolas de teatro do Rio de Janeiro que interpretaram leituras dramatizadas de cinco peças históricas de Roberto Athayde, uma lenda viva do teatro brasileiro. Presente em todas as apresentações, com direito a debate e ensinamentos ao final de cada uma delas, o autor ajudou a transformar a ocasião em um diálogo inédito entre ele, a História do país, o Teatro, e plateias híbridas – compostas por alunos, professores e público em geral.

A peça *O Primeiro Brasileiro Bacharel de Cananéia - chanchada lírica*, musical satírico em estilo rap sobre a figura do personagem um tanto misterioso: o *Bacharel de Cananéia*, estreou o festival no dia 3. A leitura dramatizada foi feita pelos alunos de Literatura Dramatizada da Escola de Teatro Martins Pena, com direção de Cláudia Marques e participação especial de Eric Max Baré. Já a segunda leitura, *Auto do Cara de Cão*, realizada, no dia 10, pelos alunos da Escola de Teatro Faetec Quintino cuja direção é de Jorge Leite, narrou como o Rio de Janeiro foi fundado por forças vindas do Brasil, lideradas por Estácio de Sá e pela Capitania de São Vicente para expulsar da Guanabara os invasores franceses e a conjuração indígena açulada por eles.

A terceira leitura dramatizada foi uma trilogia de peças sobre o advento da Constituição no Portugal/Brasil: a primeira apresentação, que aconteceu no dia 17, foi o espetáculo *Carlota Rainha*, que tipifica o absolutismo na figura da controversa esposa de D. João VI, interpretada pelos alunos da Escola de Teatro Martins Pena. A direção foi de Jacqueline Lobo; a segunda, realizada no dia 23, foi a leitura da peça *D. Miguel Rei de Portugal*, que conta a história do malfadado filho caçula de Carlota que usurpa o trono lusitano, abole a Constituição e se

proclama rei absoluto. Uma leitura dramatizada com alunos da Cia. Os Ciclomáticos DNA, direção de Ribamar Ribeiro e Igor Mattos. E, ainda, fecharia a trilogia a interpretação de *D. Pedro Duque de Bragança*, em que D. Pedro, depois de abdicar do império brasileiro e do reino de Portugal invade Portugal e derrota o irmão, tornando-se por lá o herói da Liberdade que precisou ser adiada devido à greve rodoviária que acabou inviabilizando a abertura do Centro Cultural. Essa leitura dramatizada seria feita por alunos da Cia Villelarte, com direção de Felipe Villela.

Para Márcia Bello, diretora, atriz, produtora e organizadora do Festival Roberto Athayde, o CCJF abraçou o projeto lindamente, disponibilizando, inclusive, intérpretes em libras nesse módulo em parceria com os setores Educativo e Artes Cênicas e Audiovisual. “É muito importante esse movimento que está sendo subsidiado pelo Centro Cultural Justiça Federal. Tenho muito a agradecer a todos os funcionários do CCJF, são pessoas que estão sempre presentes, muito educados e prestativos. Nesses 7 meses de programação do festival, contando com o intervalo, tanta coisa bonita aconteceu, tanta atividade bacana foi acolhida por vocês...só quero continuar com essa parceria. Espero que essa parceria dure muito tempo”, comemorou.

Do lado do público, os elogios de quem pode assistir as leituras dramatizadas foram inúmeros. André Queiroz, professor de Cinema da UFF, descreveu o festival como “flores em vida”. “Ele reúne textos de Roberto Athayde, mas não apenas. São distintos os grupos e diretores invocados, encarregados, entramados nas leituras dramatizadas, mas não apenas. Atenção: Não seria pouco este feito. Seria ótimo. Mas o Festival não para aí: Roberto Athayde está presente. Ele assiste, sobe ao palco, conta destrincha, ensina! Fiquei olhando a cena como quem a decupa e testemunhei os olhares dos atores presenciando a voz do autor”, ressaltou. Para Afonso Celso Teixeira, Secretário Geral do Sindicato dos Professores do Município do Rio de Janeiro (Sinpro-Rio), “o festival dá prazer de escutar novamente um texto teatral bem lido e bem interpretado. “Importante e necessário”, disse. Beth Passi de Moraes, cenógrafa e figurinista, corrobora com as ideias acima e complementa: “Foi uma oportunidade única de conhecer a fundo a obra do autor. As leituras dramatizadas eram seguidas de uma conversa com o próprio Athayde sobre suas inspirações e o contexto em torno das obras. Foi uma iniciativa rara e maravilhosa!”, destaca. Viva o teatro brasileiro!





Coral da Tarde* encanta o público na estreia da série *Sessões Vocais

No dia 20 de junho, o Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) deu início à série *Sessões Vocais*, uma programação musical que ocupará a Sala de Sessões até dezembro. A estreia ficou a cargo do *Coral da Tarde* com o concerto *Canto Plural*, regência de Nayana Torres e produção de Flávia Bessa e Sandra Pena.

O show contou com variados gêneros musicais, entre eles samba, MPB e Bossa Nova, reunindo clássicos de compositores como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Rita Lee e Tim Maia. Antes mesmo do espetáculo começar, o grupo recebeu o público com um acolhedor corredor sonoro e os conduziu até o local do show. A recepção ainda contou com um *flash mob* – reunião relâmpago de pessoas em um local público – na entrada e uma apresentação na escadaria principal do CCJF. Durante a apresentação, a acústica do ambiente envolveu o público, que se mostrou muito interativo e que, ao final, aplaudiu de pé ao espetáculo.

A produtora do grupo, Flávia Bessa, contou como foi a sua experiência nessa apresentação. “Foi incrível a interação com a plateia que cantou, tocou chocalho, trocou de lugar com os coralistas e subiu ao palco, formando um coro instantâneo com alguns de nós, quando cantamos João e Maria, em homenagem ao aniversário de Chico Buarque. Obrigada a todos por esse amor que circula entre nós! Obrigada a todos que estiveram lá conosco! Obrigada, CCJF!”, compartilhou a produtora.

Criado em 2023, o *Coral da Tarde* valoriza a diversidade da música brasileira e propõe uma forma diferente de vivenciar o canto coral. Com uma metodologia baseada na escuta, na experimentação e na conexão entre os participantes, o grupo transforma cada apresentação em uma experiência coletiva, aproximando artistas e público por meio da música.

Acompanhe a programação do CCJF e não perca as próximas apresentações da série *Sessões Vocais*.





No CCJF, oficina de investigação criativa reúne participantes em um dia de experimentação, troca de experiências e fortalecimento da escrita autoral

Transformar uma ideia explorando a escrita como ferramenta de expressão artística e de investigação pessoal foi o ponto de partida da oficina *Escuta, desejo e escrita: práticas de investigação criativa com a palavra*, realizada no Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) no último dia 26, na Sala de Leitura. Ao longo de um dia de atividades, participantes com diferentes experiências e interesses mergulharam em exercícios de criação, reflexão e experimentação, explorando a escrita como ferramenta de expressão artística e investigação pessoal.

Pessoas interessadas em desenvolver um projeto literário, aprofundar uma pesquisa artística ou simplesmente se aproximar da escrita encontraram na oficina um percurso de escuta, prática e troca de experiências voltado ao fortalecimento da linguagem, da identidade autoral e da materialidade de diferentes projetos.

Para as facilitadoras, Isabelle Siqueira, poeta, pesquisadora e professora de processos criativos e Roberta Malta, escritora, artista-pesquisadora e professora de escrita, a realização da atividade no CCJF foi fundamental para ampliar o acesso do público à atividade. Além de reunir participantes de diferentes regiões do Rio de Janeiro, a oficina recebeu uma pessoa vinda de São Paulo exclusivamente para participar do encontro, que retornou à sua cidade no mesmo dia. Segundo elas, a diversidade do grupo contribuiu para enriquecer as trocas e reafirmou o papel do Centro Cultural como espaço de democratização do acesso à formação artística.

Ao final da oficina, os participantes compartilharam impressões sobre a experiência vivida, demonstrando como a proposta despertou confiança, ampliou repertórios criativos e fortaleceu o desejo de escrever. Entre os relatos, Maria de Lourdes destacou: "(Enxergo) a possibilidade real de me sentir uma escritora". Já Michelle disse que percebeu que já há uma escrita em curso e que precisa criar espaço para dar um lugar para ela. Martha resumiu sua experiência em poucas palavras: "Liberdade. Saio mais livre para escrever."

Ao resumirem a experiência em uma palavra, os participantes escolheram termos como inspiração, acolhimento, crescimento, motivação, escuta, foco, incentivo e renovação, refletindo o ambiente de criação compartilhada construído ao longo do encontro. Mais do que ensinar uma técnica, a oficina ofereceu tempo, atenção e interlocução para que cada participante saísse com seu processo criativo mais vivo, nomeado e direcionado a passos futuros.

Foto: Manuela Guedes @manug_18



***Filipa* levou diversidade e resistência ao palco do CCJF ao revisitar a história de Filipa de Sousa**

Entre os dias 5 e 28 de junho, o Teatro do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) recebeu o espetáculo *Filipa*, protagonizado por Waleska Arêas e dirigido por Maria Clara Guim. Integrando a programação do *III Festival Identidade em Cena*, a peça trouxe ao palco a história de Filipa de Sousa, mulher perseguida pela Inquisição Portuguesa no século XVI e hoje reconhecida como um dos principais símbolos da luta pela visibilidade lésbica e contra a LGBTfobia.

Apresentado durante o Mês do Orgulho LGBTQIA+, o espetáculo dialogou diretamente com um período dedicado à valorização da diversidade e do respeito. Ao revisitar um episódio histórico marcado pela intolerância, a peça reforçou a importância de manter vivas narrativas que, por muito tempo, permaneceram invisibilizadas.

Em 1592, aos 35 anos, Filipa de Sousa foi acusada de manter relacionamentos amorosos e sexuais com diferentes mulheres da sociedade baiana. Julgada pelo Tribunal do Santo Ofício, foi condenada pelas chamadas "práticas nefandas", expressão utilizada pela Inquisição Portuguesa para designar relações entre mulheres. Presa, torturada, humilhada publicamente e condenada ao degredo, Filipa tornou-se uma das primeiras figuras documentadas da perseguição motivada pela orientação sexual no Brasil.

Em cena, a atriz Waleska Arêas conduziu o público por essa

trajetória enquanto construía, pouco a pouco, o próprio cenário com barbantes vermelhos que acompanhavam o desenrolar da narrativa e contribuíam para aproximar o espectador da história.

A cenografia, por sinal, foi marcada por uma composição visual simples e esteticamente elegante. Os elementos do cenário dialogavam com a narrativa e ajudavam a criar uma atmosfera sensível, potencializando a força dramática da obra sem desviar o foco da protagonista.

Durante a temporada no CCJF, *Filipa* destacou-se pela maneira como transformou um episódio histórico em uma reflexão sobre o presente. A narrativa estabeleceu conexões entre o passado e os debates atuais sobre direitos e diversidade, evidenciando como a arte pode contribuir para preservar histórias frequentemente silenciadas.

De acordo com o espectador Lucas de Melo, a peça despertou diferentes sentimentos ao longo da apresentação. Ele destacou a importância de resgatar histórias como a de Filipa para ampliar a conscientização da população e contribuir para a desconstrução de ideias distorcidas sobre diversidade. Além disso, Lucas afirmou ter se encantado com a cenografia do espetáculo. “O que achei mais interessante foi a construção do cenário com barbantes vermelhos enquanto a atriz protagoniza o espetáculo. Gostei do minimalismo e da estética dos demais elementos do cenário também.”

Com a última apresentação, dia 28 de junho, *Filipa* encerrou a temporada no CCJF reafirmando a importância de preservar histórias desconhecidas pela maior parte da população e promover reflexões sobre diversidade, direitos humanos e liberdade por meio da arte. É sempre necessário evidenciar e colocar em discussão a máxima de que todas as pessoas merecem ser respeitadas e ter seus espaços ocupados, independentemente de sua orientação sexual.

Foto: @filipanoteatro



<<POR DENTRO>> DO CCJF

entrevista com
Rochelle Silveira

A *Vitral Cultural* deste mês dá continuidade na série *Por dentro do CCJF*. Nesta edição, a entrevistada é Rochelle Silveira, estagiária do Setor Educativo. Ela conta sobre as atividades que realiza no Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) e ainda lembra de um caso marcante em sua vida que prova como a arte pode despertar sentimentos dúbios e intensos. Confira a entrevista completa a seguir:

VITRAL CULTURAL: O que te fez escolher o curso de História da Arte? Quando começou a estagiar no Centro Cultural

Justiça Federal e como é trabalhar em um espaço que respira cultura e arte?

ROCHELLE SILVEIRA: Há vários motivos que me levaram a escolher o curso de História da Arte, e um deles foi o fato de eu já ter uma trajetória no teatro. Tive uma rápida experiência com a dança e depois migrei para trabalhar nos bastidores do audiovisual. Foi aí que comecei a sentir falta de um contato maior com as artes visuais, de que eu sempre gostei, porém de forma mais distante. Gosto muito da sensação de sentar na poltrona de um teatro para assistir a um espetáculo e ouvir os três sinais tocarem, ou ver, na sala de cinema, as luzes se apagando porque o filme já vai começar e, por fim, entrar em uma sala de exposição e ouvir um silêncio acolhedor junto às imagens.

Foi quando me dei conta disso que percebi que queria me aprofundar na História da Arte. Comecei a trabalhar no CCJF em setembro de 2025. Acredito na cultura como um meio de formação tão importante quanto uma universidade. A gente está sempre procurando se autoconhecer de alguma forma ou “evoluir”, e acredito que estar em contato com a arte, se deixar ser afetado por ela, é um lugar onde essa busca, de certa maneira, se torna possível. Então, poder trabalhar em um espaço onde a gente tem não só o acesso mas também a responsabilidade de fazer isso acontecer, é muito gratificante.

VITRAL: Quais suas principais funções no CCJF? Qual é a atividade que você mais gosta de realizar?

ROCHELLE: Trabalho no Setor Educativo e uma das minhas principais funções é realizar a visita orientada, atividade na qual temos a oportunidade de apresentar ao visitante o Centro Cultural, de contar a história de como o prédio surgiu e o contexto desse espaço que abrigou o Supremo Tribunal Federal (STF) de 1909 a 1960. Ainda mostramos todos os ambientes que o público pode usufruir, como teatro, biblioteca, cinema, as galerias e o meliponário. Gosto muito de fazer as visitas mediadas, que são as visitas realizadas nas exposições de arte que estão abertas aos visitantes. É uma oportunidade interessante de conhecer melhor os artistas, seus trabalhos e levar isso adiante. Além disso, há um projeto mais recente chamado “Entre Leis e Lendas” em que fazemos uma visita criada a partir de casos sobrenaturais presenciados no prédio por trabalhadores do centro cultural. É uma visita mais lúdica e muito divertida de fazer.

VITRAL: Conte-nos alguma curiosidade ou caso que considere memorável, seja profissional ou pessoal...

ROCHELLE: Eu tinha um amigo que trabalhava vendendo livros e foi uma das pessoas mais místicas que eu conheci. O nome dele era Victor Hugo, e ele parecia um bruxo. Quando a gente entrava na casa dele, às vezes mal encontrávamos lugar para sentar, porque era cheia de livros por todo canto. Certo dia, ele me mostrou um livro grande com imagens das obras de Francis Bacon, um pintor irlandês nascido no período Pós-Segunda Guerra Mundial. Nunca tinha visto nada parecido, eram pinturas de figuras retorcidas, coloridas, quase abstratas. Eu não sabia se sentia medo, se achava bonito ou as duas coisas ao mesmo tempo...era tudo muito estranho, mas que me deixou muito impressionada.

Anos depois, tive a oportunidade de visitar uma exposição do Francis Bacon que acontecia no MASP. Foi então que descobri que a exposição foi pensada depois de lerem uma entrevista realizada por um crítico de arte, em que o pintor dizia que começou a pintar aqueles corpos distorcidos após ir a um açougue e ver aqueles pedaços de carne pendurados. Ele contou que aquelas imagens despertaram nele uma sensação muito ambígua, de beleza e horror, de vida e morte, e que aquilo deixava ele extremamente impressionado. Essa situação ficou marcada na minha mente por um tempo e posso dizer que me ajudou a me atrair pela arte.



“Dos armários para as ruas”: um ‘existir’ em que a dignidade é empurrada para fora

Por *Márcio Coutinho* | diretor do documentário *Dos Armários para as Ruas* e *Rachel Silva* | pesquisadora e produtora do documentário *Dos Armários para as Ruas*

“...se a arte tem alguma função, talvez seja essa: nos lembrar, com delicadeza e contundência ao mesmo tempo, que nenhuma existência deveria ser empurrada para fora.”

Falar sobre “Dos armários para as ruas” é, inevitavelmente, escrever sobre deslocamentos. Não apenas geográficos — embora eles estejam ali, duros e incontornáveis — mas, sobretudo, deslocamentos afetivos, sociais e simbólicos. É sobre o que acontece quando alguém deixa de caber dentro de um espaço que deveria acolher: a casa, a família ou o próprio corpo social. Ver o filme se materializar na tela grande foi uma experiência diferente. Ao assistir às histórias junto com o público, numa sintonia coletiva, bem diferente da ilha de edição, permitiu uma percepção melhor das questões que atravessam o documentário. E uma pergunta central ficou ecoando: quantas expulsões silenciosas são necessárias para que alguém esteja e permaneça na rua? Existe uma narrativa confortável — e muitas vezes cruel — que tenta reduzir a situação de rua a uma questão individual, de escolha ou de falha pessoal. Mas o filme escancara outra realidade. Há um sistema inteiro operando para empurrar determinados corpos para fora. E, no caso da população LGBTQIA+, esse empurrão costuma começar muito cedo.

“Sair do armário”, que para muitos é um gesto de afirmação e liberdade, ainda pode significar, para outros, a perda imediata de tudo: abrigo, sustento, pertencimento. É uma travessia que, em vez de abrir caminhos, fecha portas. E é nesse ponto que o título do filme ganha uma camada ainda mais dolorosa: nem toda ida “para as ruas” é escolha, celebração ou ocupação política. Muitas vezes, é sobrevivência. O Brasil segue sendo um dos países mais violentos para pessoas LGBTQIA+, e essa violência não se manifesta apenas nos dados mais extremos, mas também nas micro e macro exclusões cotidianas. Estar em situação de rua, para essa população, é estar ainda mais exposto à violência física, à negligência do Estado e à invisibilidade social. É existir em um lugar onde o direito básico de existir com dignidade é constantemente negado.

Diante disso, nos perguntamos qual é o papel da arte nessa realidade. O que pode um filme diante de uma realidade tão brutal?

Acreditamos que a arte, antes de tudo, pode interromper o automatismo. Pode fazer com que

a gente pare de verdade e olhe. Não um olhar rápido, distanciado, mas um olhar que implica, que aproxima, que desestabiliza. “Dos armários para as ruas” não oferece respostas fáceis, nem pretende resolver o problema. Mas ele cumpre uma função fundamental que é questionar a falta de humanidade a quem tantas vezes é reduzido a estatística. A cultura tem esse poder de reconfigurar sensibilidades. De criar pontes onde antes havia apenas abismos. Quando uma história é contada com escuta, com cuidado e com compromisso, ela deixa de ser a história do outro e passa a nos atravessar. E talvez seja aí que comece alguma possibilidade de mudança: quando não conseguimos mais fingir que não vimos.

Filmes como esse precisam circular, ser debatidos, chegar a diferentes públicos. Precisam sair das salas de exibição e ecoar em políticas públicas, em ações concretas, em redes de apoio. Uma exibição, o contexto de um festival e um encontro mediado pela cultura abre a fresta, mas a transformação exige continuidade. E isso, por si só, já é significativo. Porque criar espaços onde essas narrativas possam existir é também um gesto político. É afirmar que essas vidas importam e que essas histórias merecem ser contadas e ouvidas.

“Dos armários para as ruas” não é apenas sobre quem está na rua. É sobre todos nós. Sobre o tipo de sociedade que estamos construindo e, principalmente, sobre a que estamos permitindo. E se a arte tem alguma função, talvez seja essa: nos lembrar, com delicadeza e contundência ao mesmo tempo, que nenhuma existência deveria ser empurrada para fora.

